



ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA

9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação

João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida

11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval

António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real

37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais

Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo

47 Defensa de la muralla augustea de Emerita

Miguel Alba

67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado

Ana Patrícia Magalhães

83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga

André Carneiro

97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade

João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias

107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia

Virgílio Lopes

121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas

Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme

131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)

Pedro Matos, Helena Catarino

143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão

Jacinta Bugalhão

157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X

Bruno Franco Moreno

169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)

João António Ferreira Marques

177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)

Alfonso Vigil-Escalera Guirado

187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus

Susana Gómez Martínez

207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves

Rosa Varela Gomes

221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X

Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

CASA BRANCA, UMA ALDEIA ALTO-MEDIEVAL DOS ARREDORES DE ÉVORA

Mário Varela Gomes¹, Tânia Manuel Casimiro², Telmo Pinheiro Silva³

¹ IAP / NOVA FCSH, Academia Nacional de Belas Artes, Academia Portuguesa da História, AAP / mv.gomes@fcsh.unl.pt

² HTC CFE IAP / NOVA FCSH, AAP / tmcasimiro@fcsh.unl.pt

³ IAP / NOVA FCSH / telmoaps@gmail.com

Resumo

Trabalhos arqueológicos desenvolvidos em 2009, tendo em vista minimizar o impacto de projecto industrial no património cultural, conduziram à identificação de assentamento rural alto-medieval, situado a 5 km a sul da cidade de Évora, na zona denominada Casa Branca. A escavação em área permitiu apenas identificar estruturas negativas, tais como buracos de poste, silos, fossas com funções diversas, um forno e estruturas de combustão, composteira, sepulturas, mostrando ritual cristão, as fundações de paliçada e estrada romana. Não foram encontrados restos de edificações de pedra ou tijolo. A informação artefactual é sobretudo constituída por fragmentos de recipientes de cerâmica e alguns artefactos metálicos, como facas de ferro. Cinco datações ¹⁴C indicam cronologia dos séculos VII a XI para esta aldeia, onde vivia comunidade cristã, apesar da presença da administração islâmica em Évora.

Palavras-chave: Aldeia alto-medieval, Casas, Silos, Forno, Necrópole.

Abstract

An archaeological excavation developed in 2009 in order to minimize the impact of a new industrial project on the cultural heritage, led to the identification of an early medieval rural settlement. This was situated 5 km south of the city of Évora, in an area known as Casa Branca (White House). The open-area excavation allowed to identify underground structures, such as postholes, storage grain pits or silos, one oven and fire places, a large dung pit, graves, showing Christian ritual, the foundations of a palisade and a Roman road. No stone or brick building remains were identified. The artefactual data are mostly constituted by ceramic vessel sherds, and some metallic artefacts, such as iron knives. Five ¹⁴C datings indicate a chronology situated between the 7th and 11th centuries, for this village where a Christian community was living despite the presence of a Muslim administration in the city of Évora.

Keywords: Early medieval village, Houses, Silos, Oven, Necropolis.

1. INTRODUÇÃO

A presente investigação resulta das medidas tomadas pela Direcção-Geral do Património Cultural e Câmara Municipal de Évora, no cumprimento da legislação em vigor, tendo em vista minimizar o impacto no património histórico-arqueológico, da área abrangida pelo loteamento do Parque da Indústria Aeronáutica, aquando dos trabalhos prévios à edificação das instalações e infra-estruturas necessárias a tal empreendimento.

A proximidade da área referida ao rio Xarrama, a presença de vestígios de via romana e diversos testemunhos arqueológicos ali identificados em datas anteriores às obras referidas, nomeadamente em torno ao antigo monte da Casa Branca, muitos dos quais atribuíveis à presença romana, potenciou a necessidade de se proceder ao acompanhamento arqueológico daquelas.

No Parque da Indústria Aeronáutica instalar-se-ia a unidade de produção de estruturas e componentes em materiais compósitos da Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica).

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico, conduzindo à escavação e registo de sector de via romana e de numerosas estruturas negativas, que entregaram significativo espólio, decorreram entre 18 de Maio de 2009 e 24 de Agosto daquele mesmo ano.

A intervenção mencionada foi levada a cabo pela empresa ARPA – Arqueologia e Património Lda, sob a responsabilidade de dois dos signatários (T.M.C. e T.P.S.), e nela participaram mais de uma dezena de arqueólogos.

Foram publicadas curtas notícias da intervenção arqueológica efectuada na Casa Branca, tendo em vista dar a conhecer, preliminarmente, sínteses dos principais resultados dos trabalhos de campo, tal como curtas referências às suas estruturas (Silva, 2011; Casimiro, Silva e Gomes, 2012; Gomes, 2012: 42, 43; Casimiro, 2017).

As estruturas e espólios da Casa Branca indicam a presença de habitat rural ou aldeia, cujas construções foram erguidas com materiais perecíveis, madeira, fibras vegetais, peles e, mais raramente, com pedra e tijolo. Tal corresponde a organização, política, social, económica e ideológica, de matriz rural, ocorrida durante a Antiguidade Tardia ou I Idade Média, conforme diversos investigadores francófonos a denominaram. Trata-se de período considerado de transição e pouco conhecido entre nós, situado entre o último quartel do século V e os inícios do século VIII, mais precisamente desde o fim do reinado do último impe-

rador do Ocidente, Rómulo Augusto (476) e a presença da administração islâmica no território actualmente português, em 713, continuada na Alta Idade Média (séculos IX/X-XI).

O estudo dos testemunhos registados no arqueossítio da Casa Branca importa principalmente à História Agrária, às suas unidades de exploração, denunciadas por fundos de cabana, buracos de poste, silos para armazenamento de cereais, composteira, fossas, fornos domésticos e, talvez, artesanais, espólios decorrentes de actividades como a tecelagem, a olaria e a metalurgia, onde não faltam os vestígios de cerca, de necrópole e de importante via.

2. LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE NATURAL

O estabelecimento rural da Casa Branca ocupava área, conhecida por Horta das Figueiras, estimada em cerca de um hectare, situada na peneplanície que se desenvolve a 5 km, para sul-sudeste, da cidade de Évora.

Aquele espaço encontra-se naturalmente delimitado, a nascente, pela ribeira de Pinheiros e, na direcção oposta, pelo rio Xarrama, que correm sensivelmente no sentido norte-sul e pertencem à rede hidrográfica do rio Sado.

Ali foi erguido V. G. com 246 m de cota absoluta (Casa Branca) junto ao qual passa via romana, reutilizada até aos nossos dias e que, dirigindo-se para noroeste, atinge antiga entrada, voltada a sul, da cidade de Évora.

Zona desde há muito antropizada, dada a presença, nas proximidades, de monumentos megalíticos, nomeadamente de menires (Monte da Chaminé) e de necrópoles, situadas para nascente e sudoeste (Quinta da Casinha e Zambujeiro), foi depois utilizada na agricultura, integrada em latifúndio, conforme sugere a presença de *villa* romana, a cerca de 600 m para sul (Casa Branca 1, CNS 26074) ali se tendo, ulteriormente, instalado a aldeia objecto do presente estudo.

À data da nossa intervenção o terreno encontrava-se coberto por gramíneas que cresceram após lavra. Contudo, aquele era utilizado na agricultura de sequeiro, designadamente na produção cerealífera.

A zona que circunda o antigo monte da Casa Branca integra o enorme maciço cristalino de Évora e, por isso, oferece substrato rochoso constituído por rochas eruptivas, do tipo granítico, designadamente quartzodioritos e granodioritos de grão médio, não porfiróide, gnaisses, granitóides e migmatitos, ali existindo, ainda, mancha de gabros e de dioritos.

A 4 km para sudeste encontram-se afloramentos

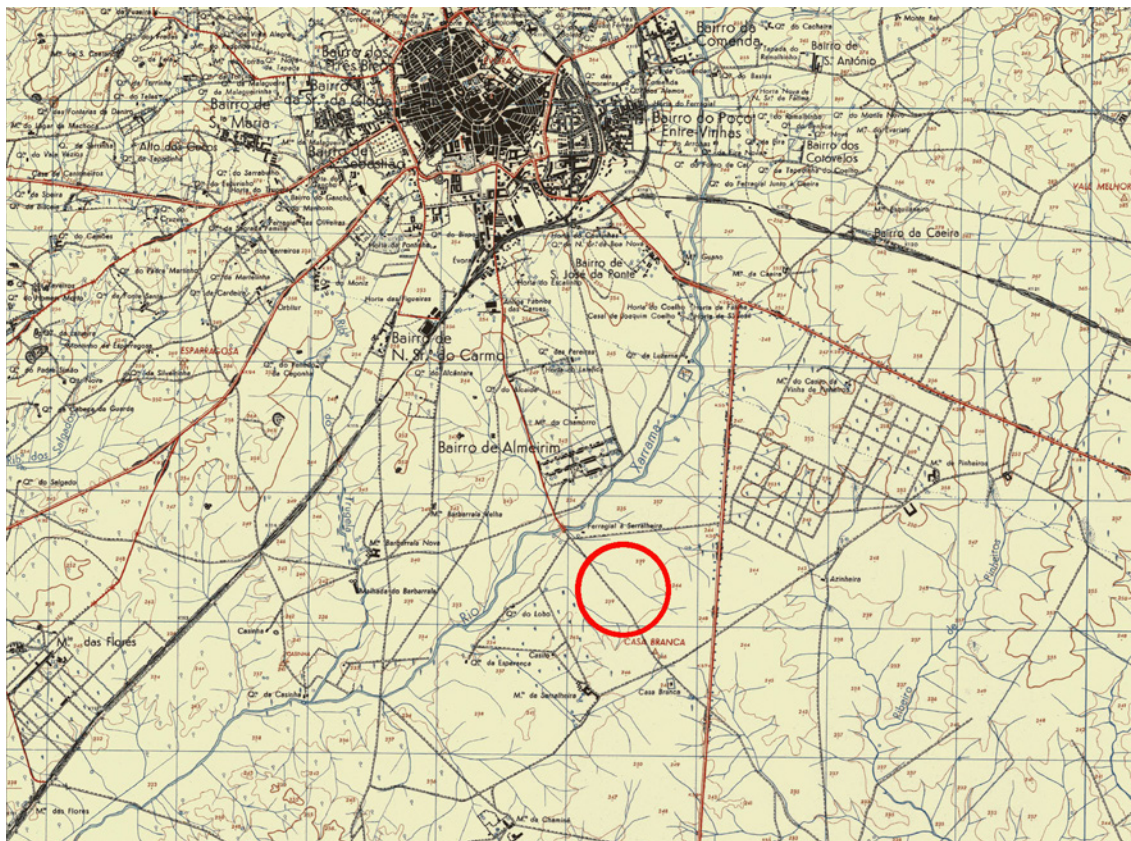


Figura 1 – Localização da aldeia da Casa Branca, segundo a Carta Militar de Portugal (C.M.P. nº 460).

de quartzitos, negros e acinzentados, no local conhecido como Cabeços Gordos (Carvalhosa *et alii*, 1969: 11-18). (Figura 1)

3. Metodologias e trabalhos efectuados

As prospeções arqueológicas efectuadas na área em estudo conduziram à identificação não só de importante troço de via romana, servido por ponte de pedra, muito possivelmente medieval, tal como zona onde, à superfície do terreno, se reconheceram restos de materiais de construção, romanos e tardo-romanos (tijolos, *imbricis* e *tegulae*), tal como fragmentos de cerâmica montada ao torno lento e cozida, maioritariamente, em ambiente redutor.

O acompanhamento arqueológico permitiu identificar área medindo 250 m de largura, no sentido nascente-poente e 100 m no sentido norte-sul, ou seja 2,5 hectares, contendo numerosas estruturas negativas, correspondendo em grande parte a aldeia, tendo sido quase integralmente escavada.

Por recomendação da tutela, a camada superficial de terras, com cerca de 0,60 m de potência, foi remo-

vida mecanicamente, assim desaparecendo o paleossolo, que poderia oferecer muita informação, como por exemplo traços deixados por arados, pondo à vista as estruturas negativas, as únicas que em parte se conservaram devido a tal solução. Importa registar que nenhum das três dezenas de silos tinha tampa e poucos conservavam bocal. Aquela opção decorreu, por um lado, da pressão superior exercida para a execução dos trabalhos e, por outro lado, na interpretação errada dos primeiros testemunhos, atribuídos a necrópole da II Idade do Ferro.

Ao surgirem vestígios de estruturas negativas fez-se a escavação em área e, depois, daquelas, exceptuando os buracos de poste, através de unidades estratigráficas. Procedeu-se ao registo desenhado das mesmas, em planta e corte, tal como através de fotografias coloridas, sendo cotadas com altitudes absolutas. A grande maioria dos buracos de poste foram apenas registados em planta.

As estruturas negativas correspondiam a, além de dezenas de buracos de poste, silos abertos no substrato, com formas e dimensões diferentes, fossas, com di-

versa morfologia e tamanhos, grande fossa de detritos (composteira), forno, sete sepulturas, cinco das quais organizadas em pequena necrópole, assim como vala de paliçada que envolvia sector da aldeia. (Figura 2)

O espólio exumado foi limpo da terra e lavado, quando necessário, colado e fotografado. Aquele tido como mais representativo, nomeadamente os fragmentos de cerâmica e de vidro, permitindo reconstrução gráfica dos recipientes a que pertenceram, foi desenhado à escala natural. Recolheram-se amostras de sedimentos, de diversas estruturas negativas, ten-

do em vista a pesquisa antracológica e carpológica.

Os artefactos metálicos, de ferro, foram limpos e consolidados no Laboratório de Restauro do Museu Monográfico de Conímbriga, fotografados e desenhados. Os testemunhos antropológicos decorrentes da ritualização funerária foram estudados pela Dr.ª Sónia Ferro (2013).

Obtiveram-se cinco datações pelo método do radiocarbono (14C), através de carvões, recolhidos nas estruturas negativas, tendo em vista confirmar as cronologias indicadas pelas características dos espólios.

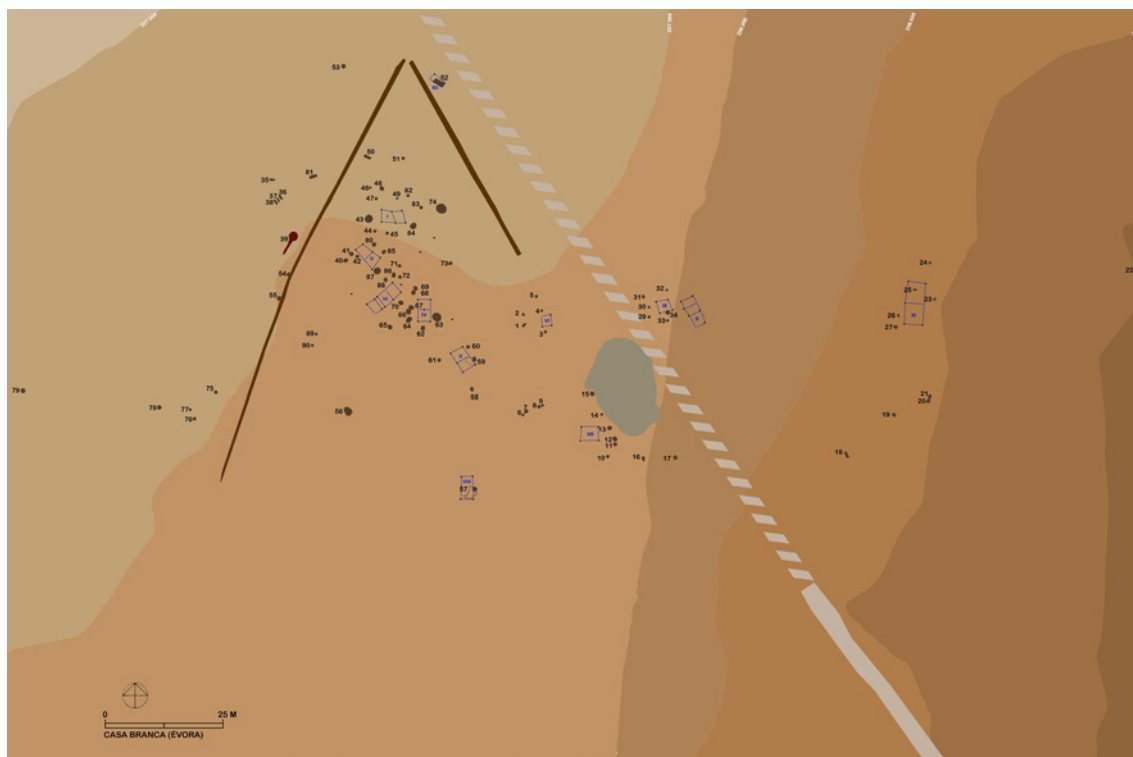


Figura 2 – Restituição possível das plantas das casas cujos buracos de poste se conservaram.

4. PROBLEMÁTICAS HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICAS

Apesar dos importantes testemunhos arquitectónicos e dos espólios do Período Romano que, na cidade de Évora, chegaram até aos nossos dias, não são tão bem conhecidos vestígios tardo-romanos e alto-medievais.

Aquele aspecto torna-se mais acentuado no que concerne à área envolvente da antiga urbe, falta que a escavação do sítio da Casa Branca veio, em parte, colmatar.

De facto, até ao presente momento, não se tinha investigado, na totalidade, área ocupada por aldeia,

cujas diferentes estruturas sobreviventes são as negativas ou escavadas no substrato, nomeadamente buracos de poste e fundos de cabana, que permitem a restituição de espaços cobertos, e o reconhecimento de silos e fossas a eles associados, tal como do alicerce de estrutura de protecção. A presença de restos de forno, de composteira, a primeira a ser detectada no território hoje português, e de conjunto de sepulturas, ajuda a recuperar o quadro de acções ou de vivências ocorridas naquele espaço.

Que população era aquela que vivia nesta aldeia constituída por pequenas casas construídas em madeira e colmo, mas guardava os seus excedentes em

silos? A que tempo pertenceu? Quais os antecedentes e como desapareceu? Como se organizavam os espaços, privados e colectivos, da aldeia e quais as principais actividades económicas ali desenvolvidas? Quais as relações com outras comunidades humanas coevas?

Àquelas e a muitas outras questões que as estruturas e os espólios encontrados sugerem, tentaremos dar resposta, na medida do possível, atendendo à extrema parcialidade dos testemunhos a que tivemos acesso, se comparados com a estimada enorme complexidade das actividades humanas que ali decorreram.

Além da menção à via que ligava Évora a Serpa, passando pela Casa Branca, constante no *Itinerário*, dito de Antonino Pio, não existem referências documentais aos testemunhos arqueológicos ali descobertos, nem àquela área, apesar da sua proximidade com a cidade de Évora. Data somente de meados do século XV a notícia de que a Herdade da Casa Branca, então integrada na zona de Machede, pertencia, em 1449, à Igreja de Santiago, de Évora, tendo sido legada àquela por João Fuseiro, filho de Lourenço Pires Fuseiro, ambos membros de conhecida família medieval eborense (Beirante, 2011: 42).

Importa sublinhar que a Arqueologia Rural, Tardo Antiga e Alto Medieval no sul de Portugal constitui área ainda pouco investigada, se exceptuamos os contextos islâmicos do sul do território, desconhecendo-se quase tudo sobre o que foram as comunidades campesinas, romanizadas, visigóticas, moçárabes e cristãs do Baixo Império aos tempos da Reconquista. E tal como tem vindo a acontecer em diversas regiões da Europa, nomeadamente da Espanha, têm sido as escavações em áreas de crescimento urbano ou industrial, de que a Casa Branca é exemplo, ou em zonas afectadas por grandes obras públicas, como a barragem do Alqueva, que, despoletando acções preventivas, de prospecção à escavação arqueológica, ou de minimização de impacto no património, têm evidenciado informação até agora quase esquecida (Quirós Castillo, 2013).

5. ESTRUTURAS HABITACIONAIS

Entre as diversas estruturas escavadas no solo, ou subterrâneas, encontram-se os testemunhos, por vezes muito residuais, de buracos de poste e de manchas, correspondentes ao solo de áreas habitacionais, mais ou menos profundas, e com cor cinzenta escura, denunciando a presença de matéria orgânica. As dimensões dos diâmetros dos buracos de poste detectados variavam entre os 0,150 m e os 0,250 m. Apenas um

deles conservava cunhas de pedra (est. 79), conforme por vezes se encontra em arqueossítios congéneres e que ajudavam a fixar os postes ao terreno.

A disposição dos buracos de poste identificados permitiu reconhecer a presença de espaços erguidos em materiais perecíveis que os postes de madeira estruturavam e que muito possivelmente seriam cobertos. Trata-se de edificações com carácter habitacional, cabanas ou casas, ou com outras funções, impossíveis de determinar, dada a ausência de espólio indicador de actividades específicas no seu seio, ou seja, que permitisse a análise paleoetnológica.

A partir da distribuição dos buracos de poste, ou estruturas latentes, foi possível determinar a presença de, pelo menos, uma dúzia de edificações, habitacionais ou com funções distintas, com planta de forma rectangular ou trapezoidal, em geral associadas a silos e/ou fossas, correspondentes a estruturas de combustão ou com outros usos.

As orientações dos eixos maiores daquelas construções é variável, tal como a sua constituição, conforme a descrição elaborada para cada uma delas. É possível que as casas detectadas não tenham sido todas contemporâneas, dado estimar-se que tais estruturas teriam vida de entre dez a cinquenta anos (Hamerow, 2002: 31).

Casa I – Com planta de forma trapezoidal, é definida por seis buracos de poste, constituindo dois alinhamentos sub-paralelos. Encontrava-se orientada, segundo o seu eixo maior, no sentido nascente-poente. Media 5,00 m de comprimento e 2,50 m de largura máxima (12,50 m²). A nascente encontrava-se a estrutura 84 (silo) e, a poente, a estrutura 43 (silo). Tanto a norte como a sul, a cerca de 2,00 m de distância, observaram-se outras estruturas negativas.

Casa II – Oferecia planta de forma rectangular, conforme indica a disposição de cinco buracos de poste, três formando alinhamento e definindo outra linha, paralela à primeira. É possível que ali existisse um sexto buraco de poste. Apresentava orientação no sentido noroeste-sudeste, segundo o seu eixo maior. Media 5,00 m de comprimento e 2,50 m de largura máxima (12,5 m²). Em seu redor identificaram-se diversas estruturas negativas.

Casa III – Mostrava planta de forma rectangular, definida por dez buracos de poste, cinco em cada alinhamento, embora faltando dois deles. O seu comprimento, cerca de 50% maior que as restantes casas identificadas neste aglomerado, pode indicar ampliação, devido ao crescimento do número de membros da família ali residente ou a outro factor. Uma das extre-

midades, ou cabeceira, apresentava planta em forma de V, conferindo-lhe aspecto naviforme. Encontrava-se disposta no sentido nordeste-sudoeste. Media 8,50 m de comprimento e 2,75 m de largura (33,00 m²). Em redor da metade nordeste desta unidade habitacional detectaram-se diversas estruturas negativas.

Casa IV – Possui planta de forma rectangular, definida por quatro buracos de poste, colocados um a cada canto. Ao centro observou-se outro buraco de poste, sendo possível que faltem dois buracos de poste em cada um dos lados maiores. O seu eixo maior encontrava-se, sensivelmente, alinhado no sentido norte-sul. Media 5,00 m de comprimento e 2,50 m de largura (12,50 m²). Em seu redor existiam diversas estruturas negativas, silos e fossas, algumas correspondendo a estruturas de combustão.

Casa V – Oferecia planta de forma rectangular, sendo definida através de cinco buracos de poste. Encontrava-se orientada, segundo o seu eixo maior, no sentido noroeste-sudeste. Media 5,00 m de comprimento e 3,00 m de largura (15,00 m²). No canto sudeste identificou-se estrutura de combustão e, no lado nascente, duas estruturas negativas (silos). No lado poente, a cerca de 3,00 m de distância, existia outra estrutura daquele mesmo tipo.

Casa VI – Possivelmente com planta de forma rectangular apresentou apenas três buracos de poste, correspondendo aos cantos. Encontrava-se orientada, segundo a sua maior dimensão, no sentido norte-sul. Media 2,00 m de comprimento e 2,25 m de largura (4,50 m²). Em seu redor reconheceram-se diversas estruturas negativas, designadamente silos.

Casa VII – Apresentava forma rectangular, definida, pelo menos, por quatro buracos de poste, um correspondendo a cada canto. Encontrava-se orientada, segundo o seu eixo maior, no sentido nascente-poente. Media 3,75 m de comprimento e 3,00 m de largura (11,25 m²). Em seu redor identificaram-se cinco estruturas negativas, do tipo silo.

Casa VIII – Apenas quatro buracos de poste indicam a existência de construção com planta de forma rectangular, embora outras daquelas estruturas negativas possam ter existido. Foi disposta aproximadamente no sentido norte-sul. Media 5,00 m de comprimento e 2,50 m de largura (12,50 m²). Na metade sul do seu interior escavou-se estrutura de combustão, junto a possível pequeno silo, talvez reutilizado como buraco de poste.

Casa IX – Apresentava planta de forma rectangular, definida por quatro postes, encontrando-se orientada no sentido nascente-poente. Media 3,00 m de

comprimento e 2,50 m de largura (7,50 m²).

Casa X – Possuía planta de forma rectangular, definida através de oito postes, de que se detectaram seis buracos, alinhados em duas filas. Encontrava-se orientada no sentido noroeste-sudeste, em paralelo à casa anteriormente descrita. Media 6,25 m de comprimento e 2,50 m de largura (15,60 m²).

Casa XI – Com planta de forma rectangular, ofereceria seis postes, de que se identificaram cinco buracos. Estava sensivelmente alinhada no sentido norte-sul. Media 9,00 m de comprimento e 4,00 m de largura (36,00 m²). Em seu redor identificaram-se diversas estruturas negativas.

Casa XII (Est. 52) – Mostrava planta de forma rectangular, foi denunciada por um buraco de poste e, sobretudo, através de mancha de terras queimadas, misturadas com algum espólio, com aquela configuração. Encontrava-se orientada, segundo o seu eixo maior, no sentido noroeste-sudeste. Media 3,25 m de comprimento e 1,50 m de largura (4,90 m²). Ali se recuperaram fragmentos de recipientes de cerâmica montados com pastas mal depuradas e mal cozidas, a par de fragmentos de talha e de telhas.

Casa XIII – Detectada através de quatro buracos de poste, três deles alinhados, e de mancha, com planta de forma rectangular, de terras com matriz arenosa e cor castanha escura acinzentada, com 0,25 m de espessura, denunciando a presença de restos orgânicos. Encontrava-se orientada no sentido nascente-poente e media 7,00 m de comprimento por 2,75 m de largura (19,25 m²). No interior, junto ao limite norte, escavou-se fossa contendo restos de combustão. (Figura 3)

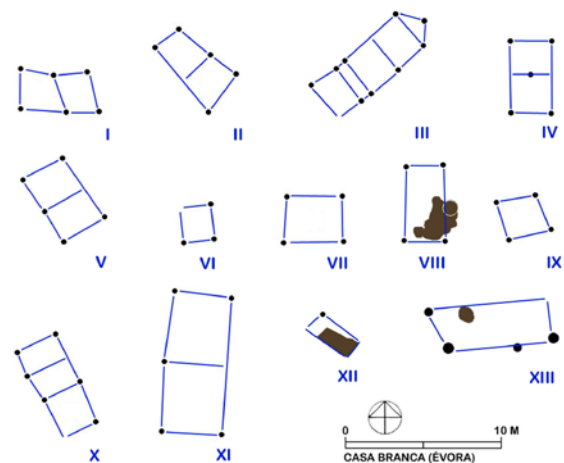


Figura 3 – Restituição possível das plantas das casas cujos buracos de poste se conservaram.

Casas	Comp. (m)	Larg. (m)	Área (m ²)	Orientação	Forma da planta	Buracos de poste
I	5,00	2,50	12,50	E-O	rectangular	6
II	5,00	2,50	12,50	NO-SE	trapezoidal	5
III	8,50	2,75	33,00	NE-SO	trapezoidal	9
IV	5,00	2,50	12,50	N-S	rectangular	5
V	5,00	3,00	15,00	NO-SE	rectangular	5
VI	2,00	2,25	4,50	N-S	rectangular	3
VII	3,75	3,00	11,25	E-O	rectangular	4
VIII	5,00	2,50	12,50	N-S	rectangular	4
IX	3,00	2,50	7,50	E-O	trapezoidal	4
X	6,25	2,50	15,60	NO-SE	rectangular	6
XI	9,00	4,00	36,00	N-S	rectangular	5
XII	3,25	1,50	4,90	NO-SE	rectangular	1
XIII	7,00	2,75	19,25	E-O	rectangular	4

Quadro I – Principais características das estruturas habitacionais da Casa Branca.

6. SILOS

Identificaram-se e escavaram-se três dezenas de estruturas subterrâneas para armazenamento, a médio ou longo prazo, do tipo comumente designado por silo, e, nas Idades Média e Moderna, chamadas “covas de pão” ou matamorras, denominação derivada do árabe (*matmūr / matāmir*).

Aquelas, conhecidas no Velho e no Novo Mundo, desde tempos pré-históricos, apresentavam morfologia subcilíndrica, cônica, globular, ovóide ou piriforme, estreitando na parte superior, ou seja, no gargalo e boca, embora na grande maioria dos casos estes tenham desaparecido. Os seus diâmetros máximos, aquando da escavação, variavam entre 0,84 m e 2,08 m, enquanto as profundidades oscilavam de 0,44 m a 1,84 m.

A função primária daquelas estruturas herméticas, situadas maioritariamente em torno dos espaços habitacionais, foi o armazenamento de cereais a granel, em meio anaeróbico, no caso presente por certo trigo e cevada, embora também pudessem guardar frutos secos e mais tarde servissem como lixeiras. As capacidades mostravam acentuada disparidade, pois oscilavam entre cerca de 1,00 m³ e 2,50 m³, ou seja, podendo cada uma delas armazenar entre 660 kg e 1650 kg de cereais (Gomes, 2012: 43). No seu interior foram recuperados diversos fragmentos de cerâmica, alguma de construção (ladrilhos, telhas e tijolos), mas pertencendo a maioria a recipientes, com distintas formas e funcionalidades, desde painéis, taças e alguidares,

as formas mais numerosas, a uma queijeira, cântaros e grandes talhas, evidenciando actividades económicas ligadas aos quotidianos ali ocorridos. Associava-se àquele espólio testemunhos de fauna mamalógica, pertencentes a espécies domésticas, nomeadamente a bovídeos e ovino-caprinos. Dois silos (ests 66 e 70) continham, no fundo, elementos de moventes de mós giratórias, que podem ter sido utilizados como tampas, depois caídas quando da reutilização daqueles.

Pelo menos um dos silos (est. 45) reutilizava enorme vaso de provisões (*dolium*), encontrado *in situ*, mas outros continham grandes porções de tais recipientes. Estes, para além de permitirem, igualmente, guardar cereais podiam ser destinados à produção de vinho, como ainda hoje acontece naquela região. (Figura 4)

7. FORNO (EST. 39)

Muito danificado quando foi identificado, situava-se na metade poente da aldeia, mas no exterior de paliçada que ali terá existido e não longe de necrópole.

Reconheceu-se câmara, com planta de forma sub-circular, medindo 2,00 m de diâmetro, a que se associava longo corredor de acesso com 3,60 m de comprimento e 0,80 m de largura média, orientado no sentido nordeste-sudoeste. Esta estrutura foi parcialmente escavada no substrato e a sua cobertura seria em abóbada. O piso da câmara apresentava massa compacta de cerâmica, devido às altas temperaturas a que foi submetido. O arranque das paredes daquele espaço era constituído por fiadas de grossos tijolos,

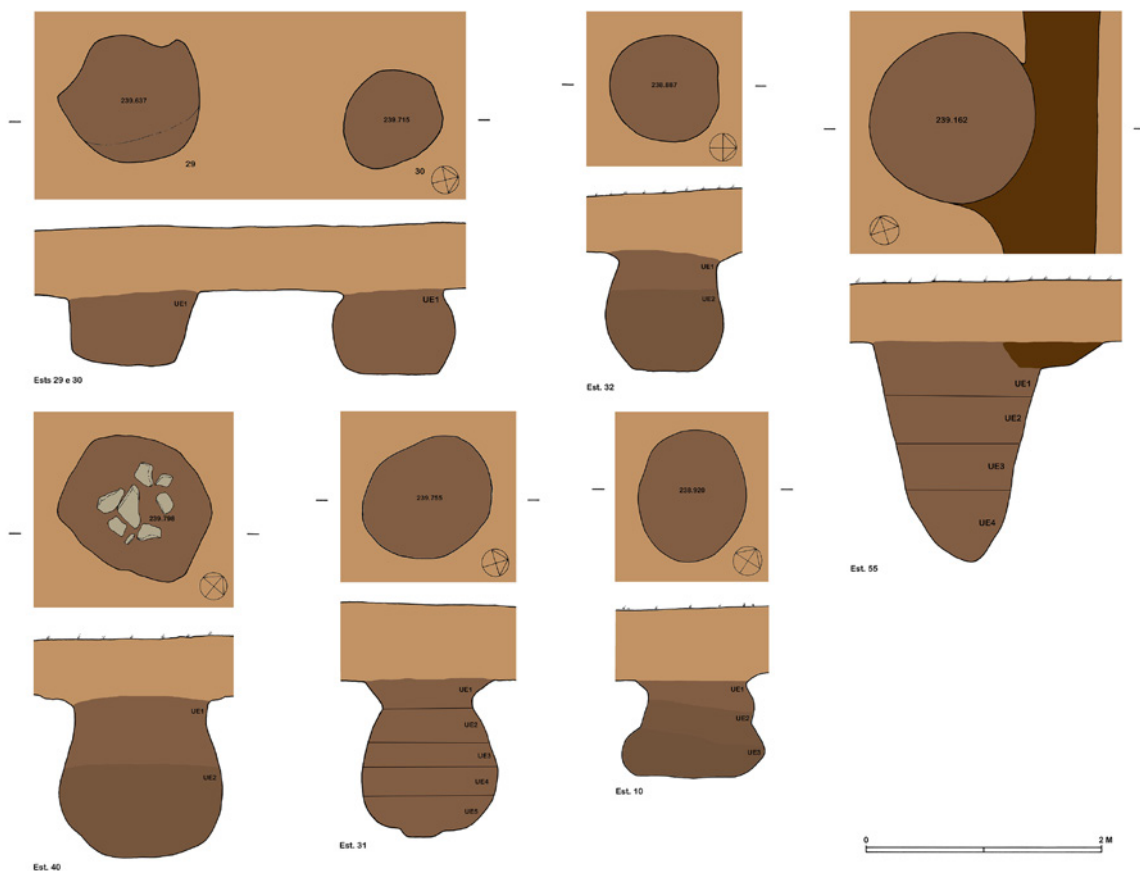


Figura 4 – Tipos de silos identificados no sítio da Casa Branca.

de tipologia romana e tardo-romana, medindo 0,15 m de comprimento e 0,11 m de largura, muitos dos quais fragmentados e indicando reutilização de material de edificação pré-existente na zona. O corredor de acesso à câmara conservava algumas lajes de revestimento, de granito e/ou granodiorito.

Tanto o fundo da câmara de combustão como do corredor de acesso encontravam-se cobertos por espessa camada de cinzas e de terras queimadas, compactadas, contendo fragmentos de cerâmica de edificação que em alguns locais chegava a possuir 0,25 m de potência.

À localização desta unidade de produção, poluidora da atmosfera, no lado poente do núcleo habitacional da aldeia, não importou o facto de os ventos dominantes na zona serem de norte e de noroeste, pelo que capazes de arrastarem para a zona habitada as muitas cinzas resultantes das fornadas de pão ali cozidas.

A interpretação que conduziu à identificação da função referida deve-se a não termos encontrado amontoado de fragmentos de cerâmica junto ao forno,

os denominados caqueiros, conforme acontece quando tais estruturas correspondem a produção oleira.

Forno culinário, possuindo planta circular, medindo 1,50 m de diâmetro, e abóbada, datado no século VIII, que seria muito semelhante ao da Casa Branca, foi escavado em Louvres, no Val-d'Oise (Épaud e Gentili, 2011: 79). (Figura 5)

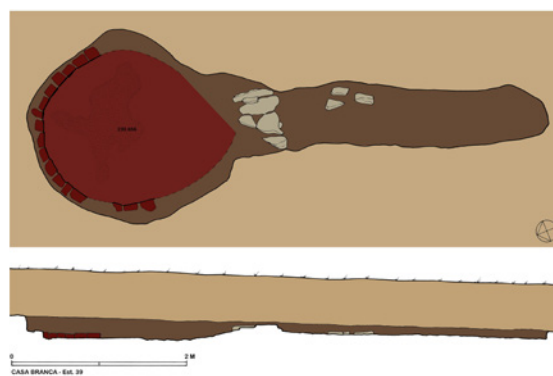


Figura 5 – Forno. Planta e corte. Casa Branca (Évora).

8. COMPOSTEIRA (EST. 28)

Não se deve confundir com estrumeira, apesar de integrar resíduos orgânicos, de proveniência humana ou animal, mas também restos vegetais de diferentes tipos e origem específica, que fermentavam, não raro, ardendo espontaneamente, devido à libertação de gases combustíveis.

A compostagem constitui conhecimento ancestral que se deve relacionar com maneira sábia de transformar restos orgânicos, como o estrume, aparentemente sem aproveitamento, em excelente adubo dos solos agrícolas, fertilizando-os e tornando-os mais produtivos. Trata-se, afinal, da reciclagem de *by-products* orgânicos, capazes de originarem os denominados solos antropogenéticos, melhorados com elementos de origem orgânica e inorgânica.

É possível que tal prática ascenda ao Neolítico Final, aquando da Revolução dos Produtos Secundários, aspecto que poderá ser detectado a partir da análise dos isótopos de nitrogénio ($\delta^{15}N$) existentes nos solos.

Muitas comunidades de agricultores acreditam que o estrume animal não deve ser usado directamente no solo de modo a prevenir a contaminação de doenças, pelo que a solução lógica conduz à compostagem (Jones, 2012).

Algumas fossas classificadas como lixeiras, que surgem em comunidades proto-históricas e ulteriores, podem não corresponder apenas a preceitos higiénicos, mas serem meios de produzir compostos.

A composteira da aldeia da Casa Branca é a primeira ocorrência arqueológica deste tipo a ser identificada no Ocidente Peninsular e nela encontramos, além de variados restos orgânicos, de fauna e flora, fragmentos de artefactos que se incluíram no lixo doméstico para ali lançado.

Aquela situava-se no quadrante sudeste da aldeia, junto dos seus limites, mas próxima de via, por certo importante para o transporte do fertilizante ali produzido. Escavada no solo, oferecia planta com forma ovalada, orientada no sentido norte-sul, segundo o seu eixo maior, medindo 22,00 m de comprimento e 15,00 m de largura máxima, atingindo a sua profundidade, 1,00 m. Em redor reconheceu-se área de dispersão, talvez devida a remeximentos ulteriores, provocados por trabalhos agrícolas e, no seu interior, identificaram-se duas camadas de enchimento (UE1 e UE2), a segunda, a mais profunda com terras mais coesas e de cor cinzenta mais escura.

Importa referir que a localização indicada permitia, devido aos ventos dominantes soprares de norte, ou

do quadrante noroeste, proteger os habitantes da aldeia dos maus cheiros que tal actividade provocaria.

9. PALIÇADA

Detectaram-se duas longas valas, convergentes na extremidade norte da aldeia, ou com planta em forma de V, delimitando o núcleo mais denso de testemunhos de estruturas, que ocupava zona possuindo cota ligeiramente mais elevada.

Não foram encontrados blocos de pedra, e o perfil assimétrico daquelas valas, com fundo plano, media entre 0,50 m e 0,70 m de largura e cerca de 0,30 m de profundidade, após a terraplanagem da zona. Estes testemunhos permitem admitir tratar-se das estruturas latentes de edificação de madeira, formada pela implantação, contínua ou espaçada, de troncos, constituindo cerca ou paliçada.

O sector com menor comprimento, desenvolvendo-se paralelamente a antiga via romana, que corre a cerca de 10 m a nascente, orientado no sentido sudeste-noroeste, media 50 m de comprimento. O sector mais longo, com orientação nordeste-sudoeste e quase coincidindo com a extremidade do que anteriormente referimos, media 100 m de comprimento. É possível que na zona de confluência dos dois sectores da paliçada se encontrasse entrada no recinto, voltada a norte.

Os dois sectores assinalados da barreira mencionada, defendiam parte da aldeia, dos ventos e dos animais, delimitando área triangular equilátera, que media cerca de 3500 m², correspondendo à zona mais densa em testemunhos arquitectónicos e, portanto, muito possivelmente tanto a mais antiga como a de maior importância. A nascente da cerca mencionada, símbolo separador dos espaços interior e exterior, também se encontraram estruturas negativas, nomeadamente vestígios de casas, fossas e de silos. Importa referir que, por certo, não existiu contemporaneidade entre todas as estruturas, cujos testemunhos identificámos.

10. SEPULTURAS

Na área intervencionada identificaram-se restos de sete sepulturas de inumação, a maioria edificada com blocos de pedra.

Cinco daquelas estruturas funerárias (ests 35, 36, 37, 38 e 81), três delas dispostas em paralelo e orientadas no sentido noroeste-sudeste (ests 36, 37 e 38), ocupavam zona limítrofe da aldeia, exterior à paliçada, no seu sector noroeste.

Outra sepultura (est. 50) encontrava-se a cerca de 12,00 m para nordeste da mais oriental das referidas daquele conjunto (est. 81), no interior da zona delimitada pela paliçada.

Por fim, a sétima sepultura (est. 50) ocupava zona marginal do quadrante sudeste da aldeia, a aproximadamente, 25,00 m para poente da antiga via que passava junto ao aglomerado.

Cobria todas as sepulturas, camada (C1) de terra activa, com 0,60 m de espessura, retirada mecanicamente conforme registámos, o que haveria de danificar, e, em alguns casos, quase fazer desaparecer as estruturas funerárias detectadas, colocando-se a hipótese, não despicienda, de tal intervenção ter provocado mesmo o desaparecimento de outras sepulturas.

Apresenta-se, em seguida, a caracterização e o espólio exumado em cada uma daquelas estruturas.

Estrutura 18 – Sepultura constituída por câmara funerária, escavada no solo, com planta de forma rectangular, orientada no sentido norte-sul, estruturada por blocos, de granito e quartzito, rudemente afeiçãoados, dispostos de cutelo e incluindo fragmento de tijolo romano. Mostra ligeiro estreitamento na zona correspondente à cabeceira, alguns dos blocos pétreos referidos estavam deslocados e um deles, no canto nordeste, havia sido removido, embora se tenha detectado o seu negativo. O interior da câmara funerária media 1,72 m de comprimento, 0,44 m de largura, no terço norte, e 0,40 m de profundidade máxima. Encontrava-se preenchida por terra, de cor castanha acinzentada, de matriz arenosa e pouco compacta, não tendo oferecido quaisquer restos osteológicos humanos ou de artefactos.

Estrutura 35 – Sepultura correspondendo a fossa, com planta de forma sub-rectangular, escavada no sedimento e no substrato, orientada no sentido poente-nascente. Estreitava ligeiramente na extremidade nascente correspondendo à zona dos pés do inumado. Encontrava-se muito afectada, devido à remoção mecânica de terra. O interior da câmara funerária media 1,96 m de comprimento, 0,84 m de largura, na zona mesial, enquanto a profundidade já não apresentava expressão. Foi detectado sedimento, de cor acinzentada, contendo predominantemente elementos plásticos, encontrando-se compactado, a par de pequeníssimos blocos de granito e de restos osteológicos humanos. Estes indicaram tratar-se de inumação em *decubitus* dorsal, com a cabeça dirigida para poente e os pés para nascente, mostrando os braços dobrados sobre o ventre, tendo-se identificado fragmentos do crânio, vértebras, pedaços de costelas, de

um úmero, de coxais e dos fémures, assim como da tíbia direita. É possível que se trate, a atendermos ao tamanho e robustez do fémur, de indivíduo adulto, do sexo masculino.

Estrutura 36 – Sepultura formada por câmara funerária, escavada no solo, provida de planta com forma rectangular, orientada no sentido noroeste-sudeste, estruturada por blocos, de granito e quartzito, rudemente afeiçãoados, colocados de cutelo. Foi afectada pela retirada da camada de sedimentos que a cobria, nomeadamente no lado noroeste e sudeste, onde faltam blocos pétreos. O interior da câmara media 1,90 m de comprimento, 0,72 m de largura, na área mesial, e 0,20 m de profundidade. Encontrava-se preenchido por sedimento, de cor cinzenta, com forte matriz argilosa e compactado, tendo-se detectado restos osteológicos humanos e fragmentos de balsamário de vidro. O indivíduo inumado, jazia sobre sedimento fino de cor amarela, em *decubitus* dorsal, com a cabeça dirigida para noroeste, os pés para sudeste, e os braços dobrados sobre o ventre. Identificaram-se fragmentos de crânio, de úmero direito, dos fémures e de perónio esquerdo. Trata-se de adulto, possivelmente do sexo masculino, a atendermos ao tamanho e robustez dos fémures.

Estrutura 37 – Sepultura constituída por câmara funerária, escavada no solo, possuindo planta de forma rectangular, orientada no sentido noroeste-sudeste, estruturada por blocos, de granito e calcário, rudemente afeiçãoados. Trata-se de edificação muito afectada pela remoção mecânica dos sedimentos que a cobriam. O interior da câmara media 1,80 m de comprimento, 0,52 m de largura máxima, na área mesial, conservando apenas 0,15 m de profundidade. Este encontrava-se preenchido por sedimentos, de cor castanha acinzentada, com forte matriz argilosa e compactados. Recolheram dois fragmentos de unguentário de vidro, assim como restos osteológicos humanos, designadamente porções de costelas, de tíbia e de fémur esquerdo, correspondendo a inumação, em *decubitus* dorsal, com cabeça dirigida para noroeste e os pés para sudeste. Surgiram, nas terras superficiais, fragmentos de cerâmica.

Estrutura 38 – Sepultura formada por fossa com planta de forma oval alongada, escavada no solo, ao que parece estruturada por muretes de pedras, de quartzito e granito, com pequenas dimensões, orientada no sentido noroeste-sudeste. Mostrava os efeitos da remoção mecânica de camada de sedimentos que a cobria. Media 2,00 m de comprimento, 0,64 m de largura máxima, na área mesial, não se tendo podido ava-

liar a sua profundidade original. No interior identificou-se sedimento, de cor castanha acinzentada, com forte matriz argilosa, contendo pequenos fragmentos de cerâmica, assim como restos osteológicos humanos, designadamente fragmentos de crânio, de costelas, vértebras e de fémur, que assentavam em camada de terras muito finas e de cor amarelada. O indivíduo inumado encontrava-se em *decubitus* dorsal, com a cabeça dirigida para noroeste e os pés para sudeste.

Estrutura 50 – Oferecia câmara escavada no solo, estruturada por blocos, de granito e quartzito, de grandes dimensões, colocados de cutelo, encontrando-se orientada no sentido poente-nascente. Media, no interior, 1,40 m de comprimento, 0,50 m de largura e 0,035 m de profundidade. A câmara encontrava-se preenchida por sedimentos de cor castanha acinzentada, de matriz argilosa e compactados. Além de fragmentos de crânio, pouco outros ossos foram detectados, embora aqueles permitissem determinar que o inumado teria a cabeça do lado nascente e os pés no lado oposto, sobre leito de terras, muito finas, de cor amarela. Os restos osteológicos permitiram atribuição a indivíduo, não adulto e possivelmente do sexo masculino, dadas as características da mandíbula.

Estrutura 81 – Corresponde a fossa escavada nos sedimentos e no substrato rochoso, com planta de forma sub-retangular, orientada no sentido nordeste-sudoeste. Media 0,80 m de comprimento, 0,42 m de largura, na área mesial, desconhecendo-se a sua profundidade. No seu interior reconheceu-se sedimento, com cor castanha acinzentada, de matriz argilosa, à mistura com pequenos blocos de granito, assim como restos osteológicos humanos. Estes eram constituídos por fragmentos de crânio e vértebras, em muito mau estado de conservação. O crânio encontrava-se dirigido para nascente, correspondendo a inumação em *decubitus* dorsal, de adulto, de sexo indeterminado. (Figura 6)

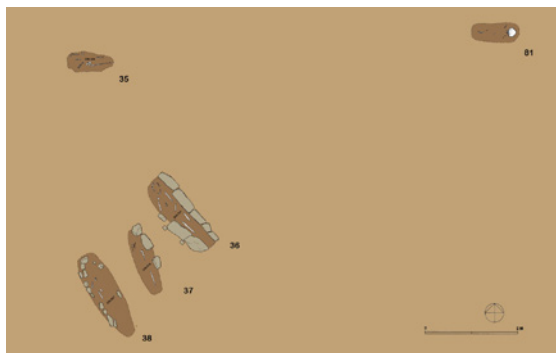


Figura 6 – Nécropole da aldeia da Casa Branca (Évora) (lev. T. P. Silva).

11. VIA

Os trabalhos de prospecção e de escavação que conduziram à descoberta da aldeia da Casa Branca também integraram o registo e estudo de importante sector de via, romana ou pré-romana, registada no *Itinerário*, dito de Antonino Pio (*via XXI*), como ligando *Ebora* a *Sirpens*, duas urbes com origens proto-históricas.

Aquela, identificada por F. Bilou (2005: 69-71), encontra-se igualmente mencionada nas demarcações do termo de Portel, de 1261 e de 1265, como “... *uia que uenit de Elbora pro ad Serpam* ...” ou “... *viam que uadit de Elbora pro ad Serpam* ...” (Azevedo, 2003: 12, 14, 16, IX, X, XII), tendo o primeiro autor citado identificado três fragmentos dos seus marcos miliários, embora anepígrafos.

A via arrancararia da zona sul de *Ebora*, podemos mesmo considerar a partir da denominada pelo menos desde o século XIII, Porta de Moura, e que dirigindo-se para sul-sudeste, passaria pela área onde se ergue hoje o Bairro de Almeirim, atravessando o rio Xarrama, junto ao Ferragial à Serralheira e onde existe pequena ponte de pedra, presumivelmente medieval, passaria pela Casa Branca e por duas *villae* ali existentes (Casa Branca 1 e 2), daí muito possivelmente inflectindo para sul, em direcção ao Campo da Mira, seguindo, no mesmo sentido, para a Carrapateira, Torre de Coelheiros, Portel, prolongando-se até ao seu destino.

O trecho de via agora identificado e registado constitui testemunho inequívoco não só da existência da antiga estrada romana, como da pervivência da sua utilização durante a Idade Média e que haveria de chegar quase até à actualidade.

O troço intervencionado mediu 160 m de comprimento, seguia em linha recta, no sentido noroeste-sudeste, e oferecia 2,50 m de largura média. Sondagem efectuada junto ao V. G. Casa Branca, mostrou a continuação da via para sudeste e medindo mais de 240 m.

Os bordos da via mostravam pedras de rochas graníticas com médias e grandes dimensões, algumas atingindo 0,50 m de comprimento, em geral colocadas de cutelo e bem encaixadas umas nas outras. Revestiam a superfície situada entre aquelas duas fiadas, pedras de menores dimensões, demonstrando calcetamento. Aquele aparelho ocupa área de solo rebaixada.

Em zona onde aflorava o substrato rochoso, este foi aplanado, constituindo *gravel track*, não mostrando revestimento calcetado. O pavimento da via oferecia duas zonas ligeiramente rebaixadas, paralelas entre si e aos bordos daquela, que correspondem à passagem

de viaturas com rodas, distanciadas cerca de 1,30 m entre si.

A limpeza desta via proporcionou fragmentos de recipientes de pequenas e médias dimensões, produzidos com pastas mal depuradas e principalmente cozidos em ambiente redutor, assim como de talhas e de tijolos.

12. DATAÇÕES ABSOLUTAS

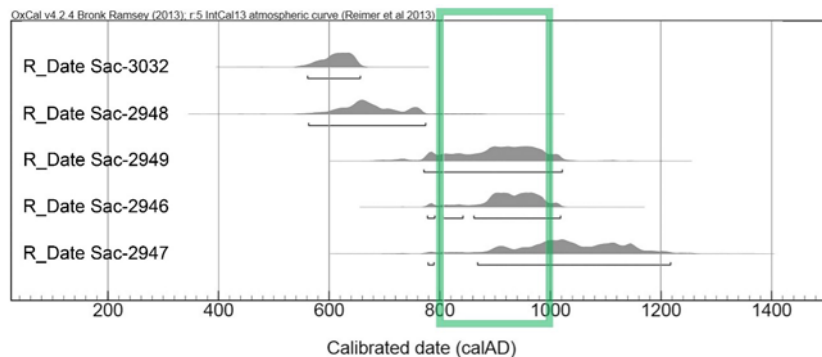
Foram obtidas em 2014 e 2015, no Laboratório de Radiocarbono do Campus Tecnológico e Nuclear (IST/ITN), sob direcção do Doutor Eng. António M. Monge Soares, cinco datações, pelo método do radiocarbono, a partir de amostras de carvão vegetal recolhidas em estruturas negativas, duas do mesmo silo (Sac-2948 e Sac-2946, est. 60, UE2 e UE3), duas outras de

silos diferentes (Sac-2947 e Sac-2949, ests 70 e 25), provindo a quinta de fossa (Sac-3032, est.51 UE1). Os resultados (conf. Quadros II e III) indicam, quando devidamente calibrados a 2 σ (2 σ), cronologia larga, situada entre os séculos VIII e XI d.C.

As datações agora apresentadas, capazes de conferir cronologia à fundação (séc. VII), ocupação e abandono (séc. XI) da aldeia da Casa Branca, constituem elementos fundamentais para a sua caracterização histórica, dado o enorme desconhecimento do que foram as pequenas comunidades rurais, não islâmicas, no período indicado. Releve-se que somente o estudo dos testemunhos das estruturas e dos espólios não nos permitiria, no estado actual dos nossos conhecimentos, sermos assertivos quanto à sua cronologia, e conseqüentemente ao enorme significado da jazida em estudo.

Ref. do Laboratório	Ref. da amostra	Tipo	$\Delta^{13}C$ (‰)	Idade (anos B.P.)	Data calibrada para 2 σ	Bibliografia
Sac-2946	C. Branca Est.60UE3	carvão	-26,10	1110±40	778-791 cal. A.D. 806-818 cal. A.D. 824-841 cal. A.D. 861-1018 cal. A.D.	—
Sac-2947	C. Branca Est.70UE1	carvão	-25,00	1010±80	779-789 cal. A.D. 869-1218 cal. A.D.	—
Sac-2948	C. Branca Est.60UE2	carvão	-25,00	1360±60	564-774 cal. A.D.	—
Sac-2949	C. Branca Est.25UE1	carvão	-25,00	1120±60	772-1020 cal. A.D.	—
Sac-3032	C. Branca Est.51UE1	carvão	-25,00	1440±35	561-656 cal. A.D.	—

Quadro II – Datações absolutas obtidas para a aldeia da Casa Branca (Évora).



Quadro III. Datações absolutas calibradas a 2 σ da aldeia da Casa Branca (Évora).

13. A SÍNTESE POSSÍVEL

A eleição do local onde se ergueu a aldeia de longa duração, alto-medieval, da Casa Branca, ficou, por certo, a dever-se a diversos factores, nomeadamente à vida sedentária daquela comunidade humana, mas também à propriedade do solo, às suas condições edáficas, proximidade de importante curso de água e da cidade de Évora, etc.

A escolha recaiu em zona onde o terreno mostrava pequena elevação, permitindo boa visualização da envolvente, capaz de controlar os campos semeados (*terra aratoria*) e de pasto para o gado que, porventura, então existisse, mas oferecendo ainda melhor protecção em relação às águas pluviais ou das cheias do rio Xarrama, que corre perto. Importa também referir que a aldeia, sem limites claramente definidos, situava-se junto de importante via de acesso a Évora e que a sua existência não corresponde a fenómeno de polarização derivado de presença de dispositivo fortificado ou de templo, conforme ocorreu em muitos casos, principalmente com cronologia um pouco mais tardia (Watteaux, 2011). A aldeia da Casa Branca pode ter sucedido no tempo, mas não ocupou, com a sua área de habitat, a *villa* romana que existiu nas proximidades, presumivelmente abandonada no século IV ou V.

Importa reconhecer que constitui enorme limitação ao estudo das estruturas que formaram a aldeia da Casa Branca a sua edificação em materiais ligeiros, perecíveis, como a madeira e o colmo, talvez em alguns casos com revestimentos de barro, mas com antiga tradição europeia, pois não se encontraram restos de paredes ou de pavimentos de pedra ou cerâmica, exceptuando-se o forno, onde se reutilizaram tijolos romanos, e algumas sepulturas, cujas câmaras funerárias foram delimitadas por blocos de pedra, colocados de cutelo ou sobrepostos.

A disposição das estruturas latentes, correspondendo ao edificado, tal como das restantes estruturas detectadas, não evidencia organização rígida dos espaços da aldeia, no interior ou no exterior da área protegida por paliçada, mas a implementação do que se entende como crescimento orgânico, ou seja, sem planeamento, talvez a partir de núcleo inicial. Todavia, respeitaram-se espaços de circulação entre as casas e as estruturas produtivas ou o afastamento tido como necessário relativo a certas zonas dedicadas a actividades específicas, de uso colectivo (forno, composteira, necrópole).

A disposição dos buracos de poste, de algumas pequenas fossas e fundos de cabana, correspondem

a estruturas latentes de casas, possuindo planta de forma rectangular, trapezoidal ou quadrangular.

As edificações, manifestam a grande simplicidade construtiva, mostraram todas larguras muito próximas, embora variando os seus comprimentos. A casa de maiores dimensões (XI), apresentava 4,00 m de largura e 9,00 m de comprimento. No entanto, a maioria daquelas estruturas possuía cerca de 2,50 m de largura, constituindo outra excepção a casa XII, medindo apenas 1,50 m de largura. As áreas cobertas variavam entre 4,50 m² (casa VI) e 36 m², podendo, cada uma delas, abrigar de duas a dez ou, até, mais pessoas.

Não nos escusamos a deixar de aqui confessarmos as dificuldades encontradas no momento em que desejamos restituir, de modo conceptual e depois gráfico, as edificações habitacionais ou com outros fins, a partir de registo arqueológico confinado a buracos de poste, por vezes pouco nítidos e muitos desaparecidos ou escassas manchas de cor escura, que denunciam a existência de materiais orgânicos devidos a presença humana ou animal prolongada.

Quatro ou seis buracos de poste devem indicar superestrutura, em material lenhoso, apoiada em postes de madeira, situados aos cantos ou a meio das paredes mais longas, que também suportariam o travejamento da cobertura, revestida com caules de gramineas, como o colmo e palhas de cereais. Quando possuíssemos maior número de postes percebemos melhor o que seria o travejamento de paredes e coberturas e, em certos casos, até a forma daquelas últimas, com uma ou duas águas. A ausência de pregos metálicos indica o uso generalizado de cavilhas de madeira e amarrações com cordas e outras fibras vegetais. (Figura 7)

Não devemos esquecer que apenas dois buracos de poste podem denunciar estrutura habitacional, provida de cobertura possuindo duas longas águas, atingindo o solo, apoiadas em pau de fileira, suportado por aqueles elementos verticais. Esta é solução que encontra numerosos paralelos em aldeias rurais alto-medievais europeias, nomeadamente nas do Período Merovíngio (séc. VI), de Mondeville (Caen), na actual Normandia (Hincker, 2018: 30).

Em Saint-Sulpice-de-Royan, na Charente-Maritime, aldeia datada nos séculos VII-VIII, alcançando os inícios da centúria seguinte, estudada no âmbito de acção preventiva, conforme aconteceu com a aldeia da Casa Branca, também mostrou apenas estruturas negativas, mas entre as quais surgiram poços e fossas para extracção de calcário, tendo em vista o enriquecimento da terra agrícola. Igualmente ali foram detectados

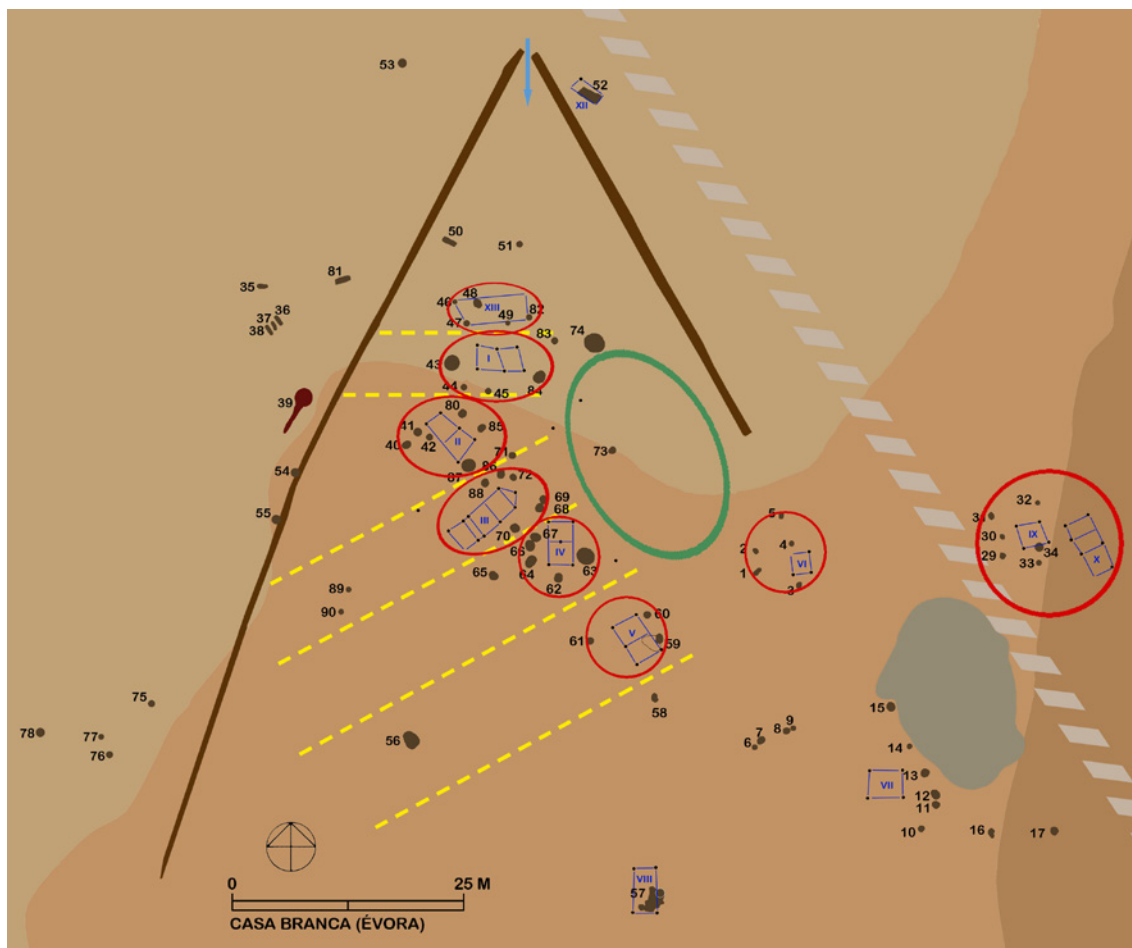


Figura 7 – Planta interpretativa da área central da aldeia da Casa Branca (Évora). Na zona em parte delimitada pela paliçada observam-se sete casas, rodeadas por silos e, a nascente destas, até à paliçada, possível espaço de uso colectivo. No lado contrário, área quase sem vestígios de estruturas subterrâneas, que poderá corresponder a parcelas agrárias, com 10 m de lado e 25 m de comprimento, utilizadas para hortas, pertencentes a cada uma das habitações. A sudoeste encontra-se a composteira e a noroeste a necrópole e forno.

fossos para a implantação de paliçadas, para divisão dos terrenos e protecção das culturas, não se tendo encontrado pedras, tijolos, telhas, restos de argamassas ou de cal, exceptuando alguns, consequência de reutilização de estruturas de *villa* dos séculos III-V. As casas desta aldeia possuíam áreas diversas, em torno aos 35 m², embora uma, interpretada como estábulo ou celeiro, possuisse 118 m² (Gissinger, 2019).

Conjunto de estruturas negativas, de Wandigues-Hamage (Douaisis, Nort-Pas-de-Calais), atribuídas a aldeia monástica, fundada no século VII, correspondiam a pequenas casas, possuindo planta oval ou rectangular (20 a 30 m²), edificadas em materiais perecíveis e integradas em recinto do tipo paliçada (35 m x 70 m), protegido por fosso (Delfolie, Motte e Révillon, 2012: 45).

A Casa III da Casa Branca, com “cabeceira” em forma de V encontra paralelos em estabelecimentos rurais alto-medievais de diversas regiões de França, nomeadamente em Jeanrais (Saint-Prix, Allier, França Central), onde também se identificaram pequenas casas com planta de forma quadrangular (Liegard e Fourvel, 2010: 239-243, figs 6, 8).

Duas estruturas residenciais da Casa Branca (ests VIII e XII) apresentam piso escavado no solo, preenchido por terras com abundante material orgânico, ou fundos de cabana, sugerindo corresponderem a casas semi-enterradas (*sunken huts*), com planta de forma rectangular, a primeira daquelas contendo vestígios de estrutura de combustão em um dos lados. Também outras casas possuíam estruturas de combustão no seu interior ou em zona próxima do exterior.

Tais edificações conhecidas em diferentes pontos da Europa e Ilhas Britânicas, desde a Idade do Ferro (La Tène) embora sobretudo durante a Alta Idade Média, também têm sido identificadas na Península Ibérica, designadamente na sua zona central, conforme ilustram as aldeias rurais de La Indiana, Cacara del Valle (Pinto), e Gózquez de Arriba (San Martín de la Veja), situadas entre Madrid e Toledo, datadas da segunda metade do século V ao século XI, onde também encontramos paralelos para as cerâmicas da Casa Branca, em particular para as características técnicas de produção e formas das taças, panelas e jarros. Os fundos de cabana ali reconhecidos apresentam plantas com duas formas principais; a oval (A) ou a de cantos rectos, quadradas ou rectangulares (B), embora com diversas variantes, podendo ocupar áreas com 4,4 m² a 16,70 m², e profundidades de 0,25 m a 0,50 m (Vigil-Escalera, 2000).

No sul de França, as aldeias alto-medievais edificadas com materiais perecíveis e onde se reconheceram fundos de cabana, são menos conhecidas do que nas regiões setentrionais. Não obstante, nelas também foram encontradas as baterias de silos, os fornos próximos das habitações e as paliçadas, possuindo cronologias a partir do século V (Raynaud, 2011).

Na Casa Branca, as variações dimensionais das habitações ficaram-se a dever às suas funções, nomeadamente ao número dos seus habitantes, embora a maioria possuísse cerca de 12,50 m². Uma das casas maiores (III) mostrou clara ampliação. As estruturas subterráneas de armazenamento, apresentando acentuado polimorfismo, encontravam-se próximas dos espaços habitacionais, mais ou menos dispersas ou em certas zonas dispostas em seu redor, com o objectivo de as proteger, de animais e de roubos. O seu elevado número indica que a comunidade seria auto-suficiente no que concerne ao consumo de cereais, enquadrado em ciclo de subsistência e até, talvez, os excedentes pudessem pagar impostos e proporcionar algum comércio com o exterior. A nascente do que constituiu, por certo, a área nuclear da aldeia, encontra-se conjuntamente de testemunhos, havendo outros dispersos, mas a não grande distância daqueles primeiros.

Se exceptuarmos uma das sepulturas (est. 18), as restantes seis identificadas ocupam espaço do sector noroeste da aldeia, nos limites da área habitacional, cinco delas no exterior do muro que a defendia. Podemos considerar tratar-se de necropolização com diacronia não muito lata, apesar de se observarem dois tipos de orientação dos sepulcros: um poente nascente e outro noroeste-sudeste, incluindo neste três

sepulturas identificadas em linha (ests 36, 37 e 38), paralelas entre si. Oferece, ainda, orientação distinta, a sepultura isolada (est. 18).

A edificação das sepulturas, a julgar pelos exemplares chegados até nós melhor conservados, foi semelhante, utilizando-se o mesmo programa construtivo, tanto em termos conceptuais como materiais. Todavia, desconhecemos qual o tipo de cobertura das câmaras funerárias e se existiam ou não *tumuli*, de pedras e terra, conforme foi identificado na necrópole do Padrão, em Vila do Bispo (Gomes e Paulo, 2011). A presença de pequenos blocos pétreos junto de algumas das sepulturas, designadamente da estrutura 38, poderá indicar tal prática.

A quase ausência de outro espólio que não osteológico, confinado a fragmentos de recipientes de vidro, não só nos priva de elementos cronológicos e de indicadores sociais e religiosos, como encontra abundantíssimos paralelos em sepulturas congêneres de necrópoles tardo-romanas, visigóticas e moçárabes. Ela indica a presença de população economicamente frágil, não possuindo acentuadas diferenças de estatuto social, observações condizentes com as características da aldeia, apesar dos excedentes em cereais que a presença abundante de silos parece querer demonstrar, pelo menos em determinado período.

Importa, neste contexto, não esquecer que uma das sepulturas entregou dois fragmentos de recipiente de vidro, muito possivelmente pertencentes a unguentário, de cor azul clara, que pode ter constituído oferta funerária, embora este aspecto, mais ou menos recorrente, não permita, só por si, considerar encontrarmos-nos perante ritualização de indivíduo possuidor de estatuto privilegiado. Todavia, o futuro estudo integrado de todos os testemunhos, recuperados neste arqueossítio, poderá conduzir ao melhor conhecimento da estrutura social dos seus habitantes.

Os aspectos do ritual funerário que os testemunhos chegados até nós permitem identificar, esteados na localização das sepulturas, na arquitectura, orientação e escassez de elementos da cultura material, indicam tratar-se de população pelo menos parcialmente cristianizada.

Necrópoles dos séculos VI-VII do norte de França, encontram-se, em geral, afastadas das zonas de habitat, junto de templos rurais, que então ordenavam o espaço religioso (Catteddu, 2011: 7). Conhecemos (MVG) pequenas necrópoles edificadas junto a áreas de habitat tanto no Alto Alentejo (Montemor-o-Novo), como no Algarve (São Bartolomeu de Messines), onde a separação entre o espaço dos vivos e o dos mor-

tos se fez através de via, mantendo a antiga tradição, talvez com antecedentes pré e proto-históricos, mas muito recorrente no mundo greco-romano, de os cemitérios se situarem junto aos caminhos.

No que concerne aos espólios recuperados, importa mencionar o achado de artefactos correspondentes a pré-existências humanas no local, anteriores à formação da aldeia alto-medieval. De facto, ali foram recolhidos utensílios líticos paleolíticos e/ou epipaleolíticos, que devemos relacionar com retalhos de cascalheiras quaternárias, como os cartografados a nascente da Casa Branca (Carvalhosa *et alii*, 1969: 9, 10).

Também se recolheram percutores, de granito e quartzo, moventes e dormentes de mós manuais, naquela primeira rocha, um machado e fragmentos de dois outros, de anfíbolito picotado e polido, assim como restos de talhe de sílex, espólio atribuído ao Neolítico.

Um dos machados de pedra polida/picotada, sem vestígios de utilização, encontrado em fossa (est. 84), pode ter constituído *ceraunia* ou seja, “pedra de raio”, artefacto que até ao passado século eram tidos, em muitas regiões do Velho Mundo, como objectos de virtude ou amuletos, capazes de protegerem pessoas e bens, pelo que eram guardados nas casas, sob o solo ou junto às portas e janelas (Cartailhac, 1877: 10, 17, 18, 20; Blinkenberg, 1911: 7, 116, 120; Baudoin e Bonnemère, 1904: 535).

A presença humana calcolítica é indicada por alguns fragmentos de cerâmica, um deles pertencente a taça com característico bordo espessado, interna e externamente. Alguns fragmentos de recipientes de cerâmica e de materiais de construção (ladrilhos, tijolos, alguns de quadrante, telhas, curvas e de pestana) podem ser atribuídos aos tempos romanos, ou tardo-romanos e, ao que parece, procederem de *villa* que terá existido nas proximidades da aldeia alto-medieval, desmantelada, e onde aqueles foram recuperados. Também surgiu em um dos silos (est. 72) fragmento de paleta de pedra, ou *cotícula*, artefacto bem conhecido, sobretudo no Algarve, fazendo parte dos estojos cirúrgicos e podendo ser atribuído aos séculos I-II d.C. (Santos, 1971: 215, 236, 254, 277, 393, 394; Melendro, 1988: 84, 101; Pereira, 2018: 198, 216, 217, 444, fig. 85, 2-4). Arco de fíbula de bronze do tipo Aucissa (séc. I d.C.), com a superfície superior decorada através de incisões paralelas, encontrava-se na estrutura 44 (Ponte, 2006: 359, 360). Pequenos fragmentos de cerâmicas romanas e de outras peças líticas ou metálicas, podem ter sido trazidas com terras ricas em materiais orgânicos e calcário, da área da *vi-*

lla e usadas directamente no enriquecimento do solo agrícola ou na composteira (Hamerow, 2002: 140).

No sul de França, onde as vilas de modelo romano desaparecem, entre meados do século V e meados da centúria seguinte, a par dos grandes domínios senhoriais, os latifúndios deixaram de constituir os elementos estruturadores do espaço, para darem esse lugar aos pequenos habitats das comunidades camponesas (Raynaud, 2000-01: 478, 493). E o que se constata, no caso da Casa Branca, é a não ocupação da *villa* romana e a formação de aldeia *ex-novo*.

Os testemunhos de estruturas e de espólios arqueológicos exumados correspondem, de facto, à presença de aldeia, entendida não apenas como aglomerado de habitações, mas como espaço de interacção e solidariedade social, possuindo estratégia socioeconómica própria. Aquela situava-se na área suburbana da cidade de *Ebora* e na sua órbita administrativa, dado encontrar-se à distância de cerca de uma hora de percurso pedestre. Ocupando espaço junto de antiga via e parcialmente defendido por paliçada, no seu interior detectaram-se as estruturas latentes de sete casas, dispostas em largo sector de arco de círculo, entre as quais e a paliçada, situada no lado nascente, existiu espaço aberto, com planta ovalada, medindo cerca de 450 m² e que pode ter tido utilização colectiva, nomeadamente no processamento de cereais. Conforme referimos, a ocorrência de numerosos silos indica a prática desenvolvida da cerealicultura.

A poente daquelas casas e até à paliçada desse lado, existe tracto de solo, que imaginamos usado, pelos ali residentes, como hortas ou pomares, podendo cada um possuir cerca de 10 m de largura e 25 m ou mais de comprimento.

A arquitectura com postes de madeira, e outros materiais perecíveis, desenvolveu-se no Ocidente Europeu a partir do século V, atribuindo-se a mesma à expansão dos povos germânicos ou aos seus influxos, a par das cabanas com o solo rebaixado (Raynaud, 2000-01: 486; Hamerow, 2002: 35).

O acervo material coevo da aldeia alto-medieval e conforme é comum ocorrer em contextos habitacionais, era sobretudo constituído por algumas peças de cerâmica completas e muitas centenas de fragmentos de outras, nomeadamente pertencentes a recipientes, produzidos com pastas mal depuradas, montados ao torno lento, cozidos em ambiente redutor, muito friáveis, mas a maioria com as superfícies polidas, possuindo cor castanha de tom médio a escuro, cinzenta ou negra. Não se encontraram cerâmicas decoradas através de incisões, impressões, espatulados ou bru-

nidos. Raríssimos fragmentos podem ser atribuídos a produções islâmicas.

Identificaram-se as seguintes formas de recipientes: alguidar, taça, copo, jarro, infusa, panela, pote, queijeira, talha. Foram produzidas em cerâmica fusaio-las, para a fição da lã e do linho, e marcas de jogo, que reutilizam fragmentos de recipientes e indiciam actividade lúdica. A produção artesanal, além dos têxteis, por certo que também incluiu a cerâmica e o trabalho na madeira e ferro.

Surgiram sete lâminas de facas, de ferro, cinco das quais com lingueta para encabamento, assim como conta e pequenos fragmentos de recipientes de vidro. Apesar do trabalho de carpintaria ter tido primordial relevância na edificação das estruturas da Casa Branca, não se descobriu qualquer artefacto que pudesse ser a ele associado. (Figuras 8 e 9)

A comunidade cristã instalada na Casa Branca, denunciada pelo tipo de ritualização da morte, parece ilustrar aspecto referido pelo geógrafo muçulmano Ibn

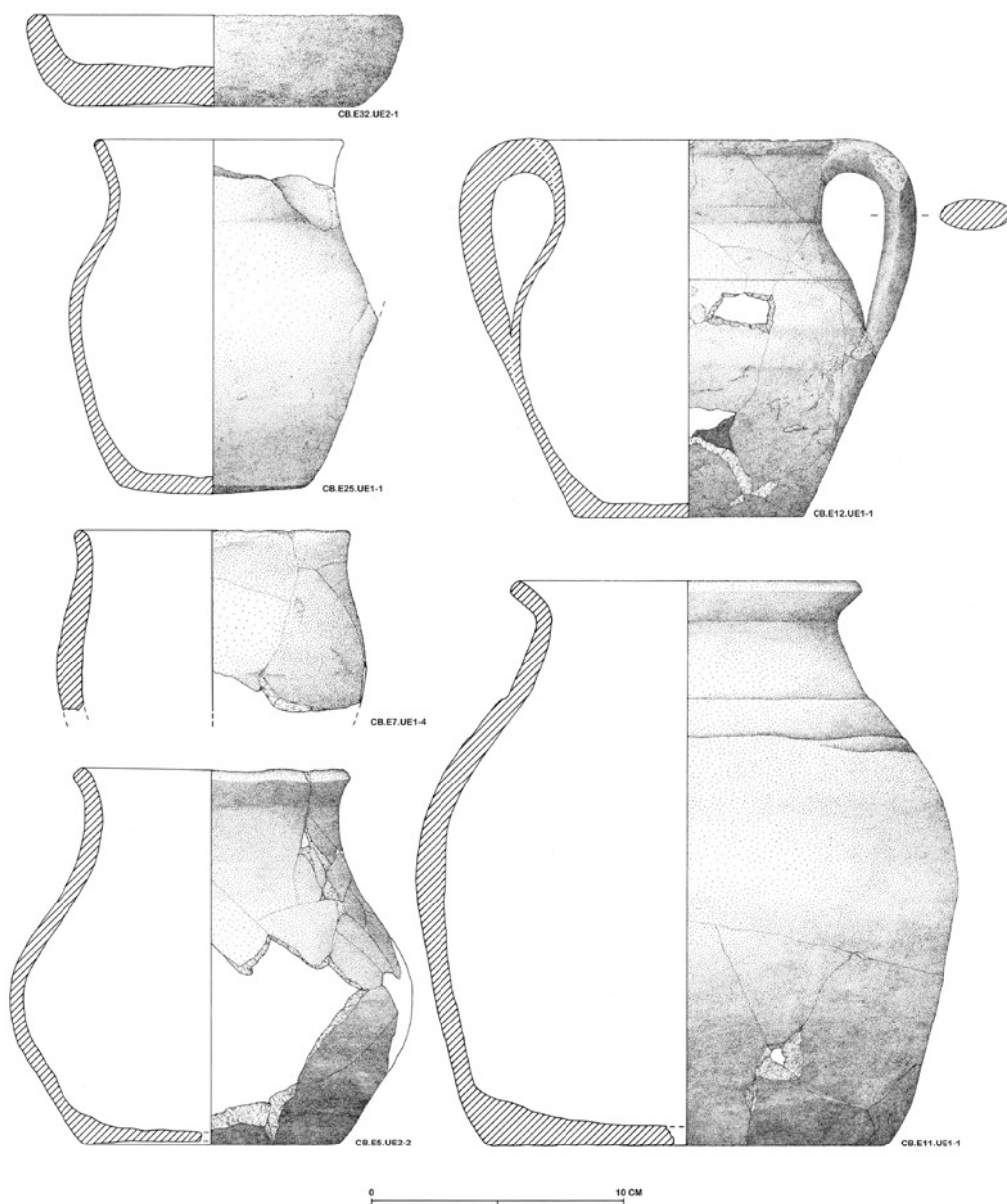


Figura 8 – Taça e panelas. Casa Branca (Évora) (des. J. Gonçalves).

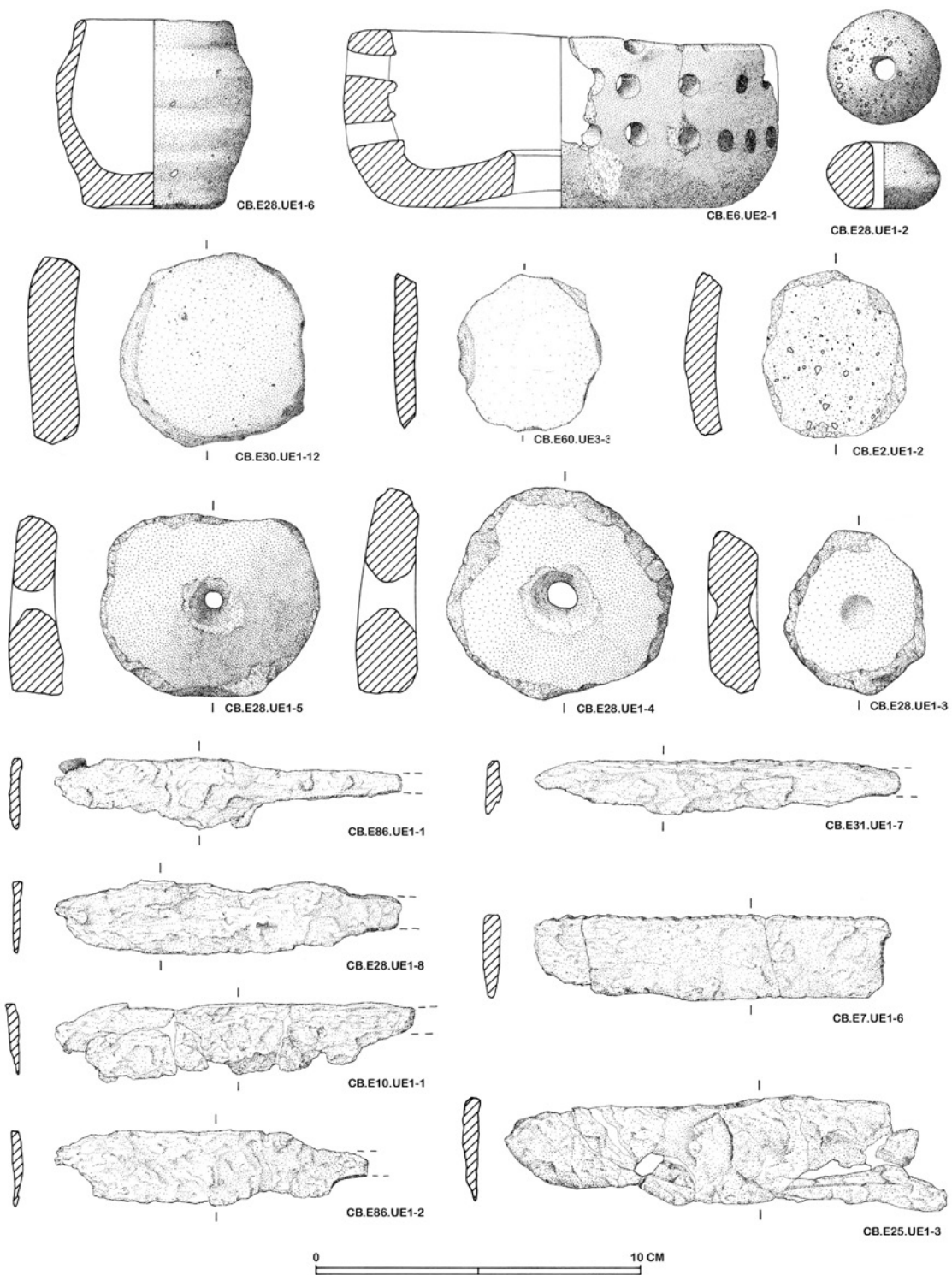


Figura 9 – Copo, queijeira, fusaiolas, marcas de jogo e facas de ferro. Casa Branca (Évora) (des. J. Gonçalves e D. Neves).

Hawqal (*Opus Geographicum*), no século X (Kramers, 1939), dado tratar-se de exploração agrária da responsabilidade de comunidade cristã, sem aparentes desigualdades sociais, que mantinha as suas tradições e forma de vida, economicamente assente na agricultura, pastorícia e exploração da floresta, conservando-se longe das alterações políticas e ideológicas da vivência urbana, embora no presente caso, geograficamente próximos de importante cidade (*Ebora*).

Dada a inexistência de artefactos produzidos em matérias-primas dispendiosas, de ferramentas, e de número pouco significativo de recipientes de cerâmica, inteiros ou completos, podemos aceitar que o abandono da aldeia da Casa Branca, nos finais do século X ou no início do XI, não foi repentino, embora rápido e definitivo. O desmantelamento das estruturas aéreas ali existentes terá ocorrido em um mesmo momento, quando também a maioria dos silos foram preenchidos por entulhos e lixos advindos das habitações. Este abandono pode ter sido provocado por acontecimento, natural ou devido a acção humana, reflectir alterações no relacionamento da comunidade camponesa da aldeia com a administração islâmica, o esgotamento dos solos agrícolas, clima de insegurança económica e política, ou outro qualquer motivo que terá conduzido ao possível reagrupamento da população em Évora. Por exemplo, nos inícios do século X, assistiu-se naquela região a período de grande instabilidade social e política, derivada da tomada e destruição de Évora por Ordonho II, da Galiza e Leão, em 913. Dois anos depois haveria de ocorrer terrível seca originando a fome em quase toda a Península Ibérica.

A informação haurida no acervo arqueológico da Casa Branca e outra oferecida por habitats rurais do Sul de Portugal, permitem avançar com a seguinte hipótese diacrónica de evolução daqueles: fase 1 (séculos IV, V, Baixo Império), ocorrência da desintegração dos centros dominiais e a multiplicação das explorações agro-pastoris, de carácter familiar, beneficiando de boas condições climatéricas, com expressão centrífuga, em quintas e casais agrícolas dispersos, possuindo edificações frágeis, a par de algumas *villae*, herdadas dos *latifundia* escravagistas da Antiguidade; fase 2 (séculos VI-VII, Antiguidade Tardia), fraccionamento das grandes propriedades, policultivo, existência de pequenas quintas, mas também de habitat agrupado, em pequenas aldeias, e presença de colonos europeus de possível origem germânica; fase 3 (séculos VIII-IX, Alta Idade Média), onde terá acontecido uma nova paisagem, com intensificação das culturas cerealíferas e o reagrupamento em aldeias, situadas entre a cidade e

os novos latifúndios, com expressão centrípeta e o surgimento de colonos de origem norte-africana, perdendo aqueles primeiros importância económica e social. Os tempos da Reconquista e consolidação da integração da região de Évora no Reino de Portugal, terão emprestado, apesar das continuidades e pervivências, novo perfil à sua paisagem agrária, nomeadamente através de novos direitos dominiais, decorrentes sobretudo das doações às ordens religiosas (Vasconcelos e Sousa, 1988).

AGRADECIMENTOS

O presente estudo não teria sido possível realizar sem a conjugação de esforços que passou pelo apoio económico da Embraer, a cuja administração cumpre-nos agradecer, designadamente ao Eng. João Taborde, o nosso interlocutor naquela empresa, de bolsa concedida pela The Society for Medieval Archaeology e o suporte da empresa ARPA – Arqueologia e Património Lda., tal como do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (IAP/NOVA FCSH). O nosso reconhecimento estende-se ainda ao Doutor Virgílio Hipólito Correia, então director do Museu Monográfico de Conimbriga, em cujo laboratório foram graciosamente tratadas as peças de ferro. As fotografias aéreas foram-nos gentilmente cedidas pela Escola e Centro de Paraquedismo – Aeródromo de Évora.

BIBLIOGRAFIA

ANTÓNIO, Jorge; REIS, Marta Pinto (2008) – Necrópole tardo-antiga de Alter do Chão: resultados preliminares, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, pp. 353-366. Faro: Universidade do Algarve.

AZEVEDO, Pedro Augusto de (2003) – *Livro dos Bens de D. João de Portel*. Lisboa: Edições Colibri.


BAUDOUIN, Marcel; BONNEMERE, Lionel (1904) – Les haches polies dans l'histoire jusqu'au XIX^e siècle, *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, Ve série, tome 5, pp. 496-548.

BEIRANTE, Maria Ângela (2011) – *Territórios do Sagrado. Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.

BILLOU, Francisco (2005) – *Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, 2^a edição. Lisboa: Edições Colibri.

BLINKENBERG, Christian (1911) – *The Thunderweapon in Religion and Folklore. A Study in Comparative Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

- CARTAILHAC, Émile (1877) – *L'Age de Pierre dans les Souvenirs et Superstitions Populaires*. Paris: C. Reinwald & Cie, Libraires-Éditeurs.
- CARVALHOSA, António Barros e; CARVALHO, António Marcos Galopim de; ALVES, Carlos Alberto de Matos; PINA, Henrique Leonor (1969) – *Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da Folha 40-A*, Évora. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2017) – An early medieval village in Portugal, *Medieval Archaeology Newsletter*, no. 57, p. 2.
- CASIMIRO, Tânia Manuel; SILVA, Telmo Pinheiro; GOMES, Mário Varela (2012) – Intervenção arqueológica no povoado alto-medieval da Casa Branca (Évora). Primeira notícia, *Al-Madan*, II série, nº 17, pp. 171, 172.
- CATTEDDU, Isabelle (2011) – Le monde rural à la lumière des sources archéologiques, *Dossiers d'Archéologie*, nº 344, pp. 6-13.
- CUNHA, Eugénia (2001) – Bioarqueologia em Serpa: o caso da necrópole do Alpendre dos Lagares, *Conimbriga*, vol. 40, pp. 319-325.
- DELFOLE, Karine; MOTTE, Virginie; RÉVILLION, Stéphane (2012) – Dossier Nord. Du Moyen Âge à l'époque moderne, *Archéologie*, nº 498, pp. 40-48.
- ÉPAUD, Frédéric; GENTILI, François (2011) – Archéologie expérimentale sur les habitats ruraux franciliens, *Dossiers d'Archéologie*, nº 344, pp. 78-83.
- FERRO, Sónia (2013) – *Sítio da Casa Branca – Évora. Relatório Antropológico de Campo*. Dactilografado, Évora.
- GISSINGER, Bastien (2019) – Saint-Sulpice-de-Royan. Un village entre Dagobert et Charlemagne, *Archéologie*, nº 582, pp. 42-47.
- GOMES, Mário Varela (2012) – *Silo Islâmico de Albufeira (Rua Henrique Calado)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, Mário Varela; PAULO, Luís Campos (2011) – A necrópole visigótica do Padrão (Raposeira, Vila do Bispo), *O Arqueólogo Português*, série V, vol. I, pp. 591-656.
- HINCKER, Vincent (2018) – Vous avez dit barbares?, *Archéologie*, nº 568, p. 30.
- HAMEROW, Helene (2002) – *Early Medieval Settlements. The Archaeology of Rural Communities in North-West Europe 400-900*, Medieval History and Archaeology. Oxford: Oxford University Press.
- JONES, Richard (ed.) (2012) – *Manure Matters: Historical, Archaeological and Ethnographic Perspectives*. Ashgate: Farnham & Beurlington.
- KRAMERS, Johannes Hendrik (1939) – *The Opus Geographicum (Kitab suwar al'-ard), Ibn Hawqal*, Bibliotheca Geographorum Arabicorum. Leiden: E. J. Brill.
- LIEGARD, Sophie; FOURVEL, Alain (2010) – L'établissement rural des IXe-Xe siècles des "Jeanrais" à Saint-Prix (Allier), *Revue Archéologique du Centre de la France*, vol. 49, pp. 233-282.
- MELENDRO, Enrique Luis Borobia (1988) – *Instrumental Médico-Quirúrgico en la Hispania Romana*. Madrid: Impresos Numancia S.A.
- PEREIRA, Carlos Samuel Pires (2018) – *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos Espaços da Morte no Extremo Sul da Lusitânia*, O Arqueólogo Português, Suplemento nº 9. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia – Imprensa Nacional.
- PONTE, Salette da (2006) – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio Edições e Artes Gráficas, S.A.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (2013) – Introducción. Porqué la arqueología preventiva ha hecho posible la arqueología del campesinado altomedieval?, *El Poblamiento Rural de Época Visigoda en Hispania. Arqueología del Campesinado en el Interior Peninsular*, pp. 29-63, Documentos de Arqueología Medieval 6. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- RAYNAUD, Claude (2000-01) – Les campagnes en Gaule du Sud-Est dans l'Antiquité tardive et le Haut Moyen Age, *Zephyrus*, vols LIII, LIV, pp. 473-507.
- RAYNAUD, Claude (2011) – L'habitat des plaines languedociennes (VII^e-X^e siècles), *Dossiers d'Archéologie*, nº 344, pp. 30, 31.
- SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos (1971) – *Arqueologia Romana do Algarve*, vol. I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SILVA, Telmo Pinheiro (2011) – *A Necrópole do Sítio da Casa Branca, Évora*, Relatório Dactilografado, Lisboa.
- SOARES, António Manuel Monge; SANTOS, Ana Luísa; UMBELINO, Cláudia (1997) – A necrópole paleocristã do Assento do Chico Roupa (Vila Verde de Ficalho, Serpa), *Arqueologia Medieval*, vol. 5, pp. 23-33.
- VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo (1988) – Paisagem agrária e organização social do espaço no Alentejo Medieval (séculos XII a XV), *Economia e Sociologia*, nºs 45, 46, pp. 21-39.
- VIGIL-ESCALERA, Alfonso (2000) – Cabañas de Época Visigoda: Evidencias arqueológicas del sur de Madrid. Tipología, elementos de datación y discusión, *Archivo Español de Arqueología*, vol. 73 (181, 182), pp. 223-252.
- WATTEAUX, Magali (2011) – Le paradigme de la naissance du village, *Dossiers d'Archéologie*, nº 344, pp. 42-45.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt